

# A Casa Nobre açoriana



Torre do capitão João Vaz Corte Real, em Angra (pormenor da gravura de Y. H. Van Linschoten, 1595)

Falar de Casa Nobre açoriana incorre à partida no risco das generalizações e das sínteses abusivas. Se é difícil traçar a fronteira entre Casa Nobre e Casa Corrente, muito mais será encontrar as características uniformes que justificam o qualificativo de “açoriana”. Vamos, pois, deixar de lado o nível de análise que seria necessário empreender para a verificação de todas as afinidades intra-regionais e, seguidamente, a diferenciação do conjunto com a arquitectura doméstica de prestígio praticada no resto do território nacional. Tomemos a designação no sentido daquelas que se encontram “nos Açores”, procurando ir ao encontro das suas características mais marcantes, da evolução verificada ao nível do programa arquitetónico, e da identificação de alguns dos exemplares mais destacados.

As “casas nobres” - na expressão usualmente empregue na documentação - ou solares (rurais ou urbanos), como habitualmente também são referidos, constituem peças arquitectónicas que se distinguem pela qualidade construtiva e estética, pela dimensão ou pela ostentação de elementos decorativos e símbolos honoríficos. Erradamente consideram-se, por vezes, habitação exclusiva da nobreza, embora todas as casas nobres devessem obedecer a um *habitus* doméstico “nobre” e “lustroso”. Quer isto dizer que nem todos os nobres habitavam casas nobres e que, ao invés, grandes negociantes surjam como

agentes privilegiados na encomenda de grandes casas nobres. Nos Açores, o fenómeno sociológico é idêntico ao todo nacional, não obstante o facto de não existir aqui nobreza de corte e do menor favorecimento do grupo dos privilegiados quer em termos de riqueza, quer em termos de preparação cultural. Do mesmo modo, a ausência de arquitectos e mestres-de-obras de prestígio, e a fraca preparação teórica e técnica dos construtores, lograram alcançar uma arquitectura apegada a fórmulas e tipologias construtivas genericamente conservadoras e por vezes retrógradas. É isso que explica, curiosamente, algumas das características mais originais da arquitectura doméstica açoriana. Na esteira de outros autores que se referiram à arquitectura vernacular açoriana - dos quais destacaria o historiador de arte francês Yves Bottineau e os historiadores da arquitectura José Manuel Fernandes e João Vieira Caldas -, também me parece importante salientar o efeito da pedra vulcânica nas *cantarias de contorno*, assinalando os volumes e as molduras dos vãos, o aspecto atarracado e agarrado ao solo, a definição de volumes puros e simples, bem como a originalidade de certos sintagmas compositivos e decorativos.

As primeiras casas nobres edificadas em solo açoriano adotaram certamente o modelo da casa-torre (a *domus fortis* medieval), de que restam poucos vestígios materiais mas diversas referências docu-



Palácio dos Remédios (fachada poente), Angra



Casa de Santo António, Ponta Delgada



Quinta das Necessidades, Livramento

mentais. A linguagem classicista imposta no último quartel do séc. XVI teve seguramente no paço dos condes de Vila Franca/Ribeira Grande um dos primeiros e mais significativos exemplos (desaparecido), a par de outros como o palácio dos Remédios, em Angra, ou a misteriosa Casa do Castelhana, na Caldeira das Lajes. O séc. XVII assiste em S. Miguel à definição do tipo de casa comprida de dois pisos (lojas em baixo e andar nobre em cima), cujo frontispício é percorrido por janelas de sacada frequentemente adornadas com os motivos

## Quinta das Necessidades

Situada no Livramento, ilha de S. Miguel, tem sido justamente considerada a *jóia da coroa* da arquitectura doméstica erudita dos Açores. A sua posição a meia encosta, voltada ao amplo panorama da costa sul, e o arranjo cuidadoso de elementos paisagísticos, trazem à lembrança as quintas nortenhas, ou, na opinião de outros, as “casas grandes” brasileiras do Recôncavo baiano. Soma-se a esta exemplar situação, a qualidade do edifício residencial, cuja fachada principal exhibe as linhas elegantes e decorativas do rococó. O núcleo primitivo - capela e sacristia - remonta ao final do séc. XVII, enquanto o solar barroco se deve ao comerciante Filipe António Brum Botelho, que o terá edificado na década de 1780. O conjunto, classificado desde 1983 (IIP), encontra-se presentemente em sério risco patrimonial. ♦

do “estilo micalense”. Entre os diversos exemplos que poderiam citar-se encontra-se o solar do Vencimento, na Ribeira Grande ou, ainda na mesma cidade, a Casa de S. Vicente Ferreira. O barroco, que eclode no reinado de D. João V, manifesta-se nas casas nobres açorianas pela presença dos grandes “pátios de recebimento”, das aparatosas escadarias, das profundas abóbadas e da gramática decorativa das fachadas, particularmente visível na parte reservada à capela. Não são muitos ou muito exuberantes os exemplos de casas barrocas nas ilhas. Não devem ignorar-se, contudo, as orgulhosas fachadas urbanas da Casa de Santo António, ou da Casa do Campo de S. Francisco, em Ponta Delgada, do Solar Bettencourt, em Angra, ou as sofisticadas quintas de Santa Catarina, no Pico da Urze (Terceira), ou a Quinta das Necessidades, ao Livramento (S. Miguel), sem esquecer a tardia e requintada fachada da Casa do Pilar, perto da Horta. O início do séc. XIX assiste ainda ao prolongar da linguagem barroca, ao mesmo tempo que se deixa penetrar pelo espírito neoclássico. Do primeiro terço do século datam imponentes edifícios, como a casa dita de Vila Flor, em Angra, a Quinta da Mafoma, na Ribeira Grande, ou o Palácio Fonte Bela, em Ponta Delgada. ♦

ISABEL S. DE ALBERGARIA  
UNIV. DOS AÇORES  
ialbergaria@uac.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO  
Direção Regional da Cultura